

POI - Partido Operário Independente

Pelo socialismo, a República e a democracia

Membro do Acordo Internacional dos Trabalhadores e dos Povos

A “FACHADA” DO SCORE DE MACRON

Os grandes deste mundo, de Washington a Berlim, passando por Pequim, exprimiram um concerto de alívio, alargando-se – através de *tweets* entusiastas – em felicitações e em elogios a Macron, após a segunda volta da eleição presidencial, a 7 de Maio.

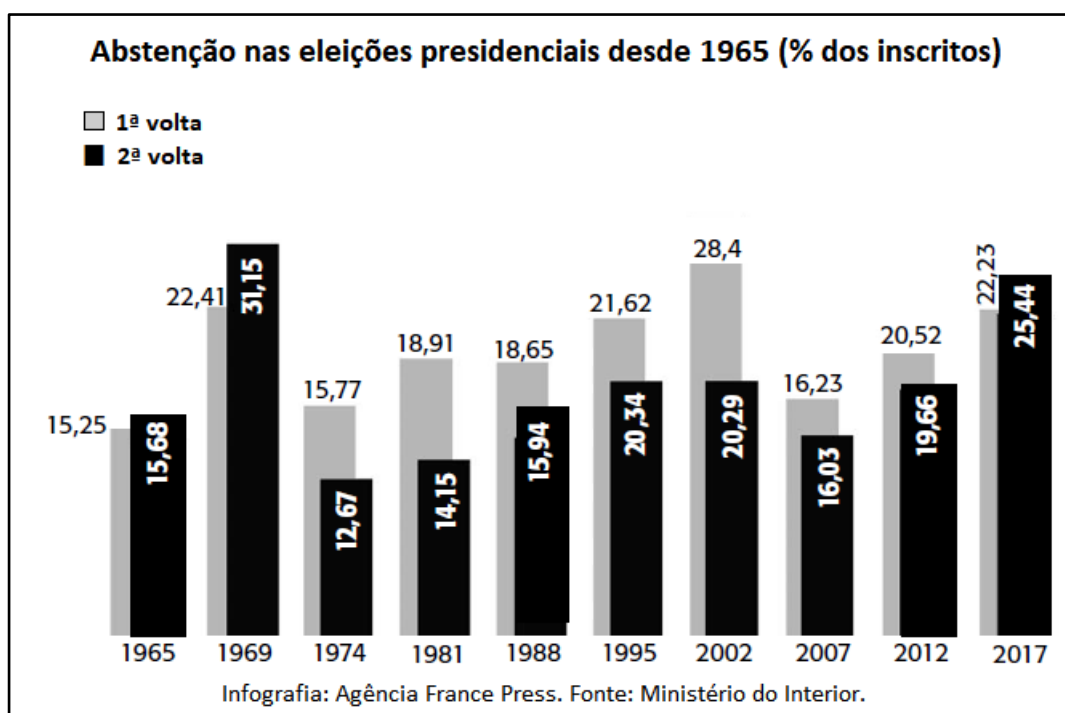
É “*uma vitória para Macron, para a França, para a União Europeia e o mundo!*”, exclamou mesmo Hillary Clinton, mostrando-se de acordo com Trump neste ponto. “*É um alívio*”, “*Uma boa notícia para o país*”, lançou Pierre de Gattaz, presidente do *Medef*. “*Com um programa que prevê, nomeadamente, a*

supressão de empregos públicos, a redução de encargos, a baixa de impostos para as empresas ou ainda uma desregulamentação das regras do diálogo social, o Sr. Macron é uma bênção para os defensores do liberalismo económico, da livre troca, da integração europeia”, resume a AFP.

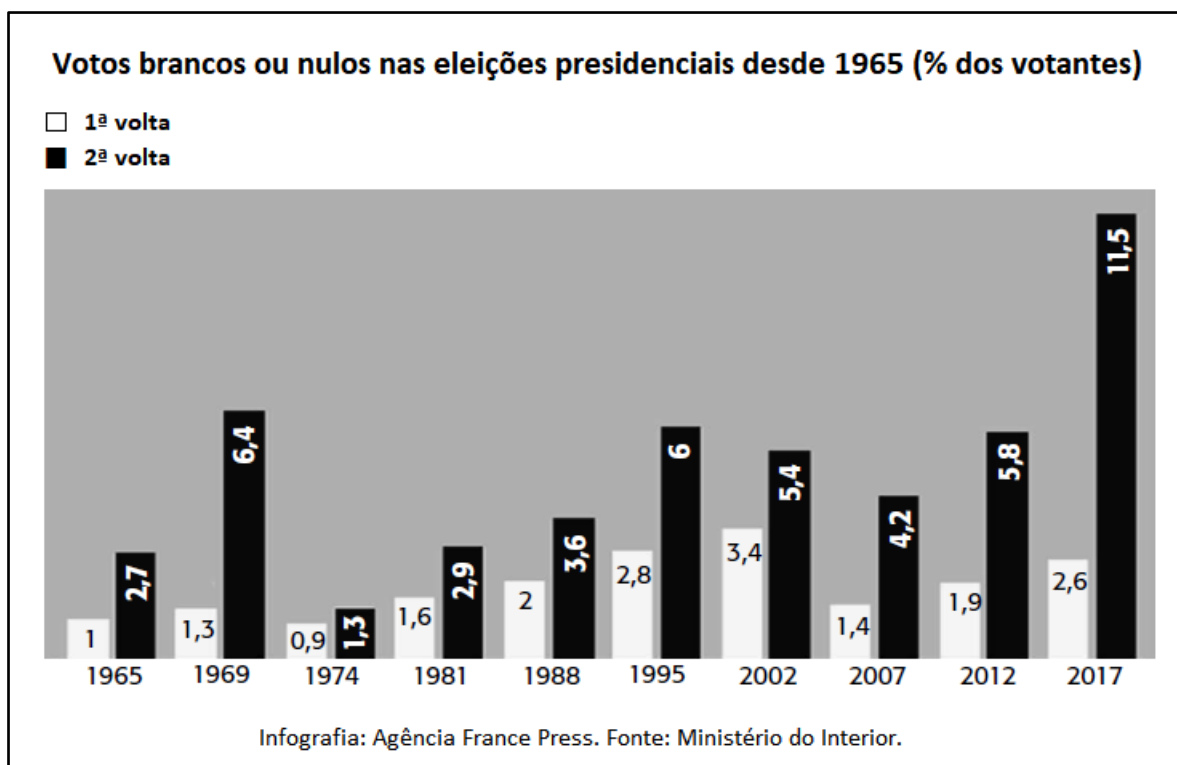
Mácron, eleito com 66,1% dos sufrágios, um “*triumfo*”? O jornal *Le Monde* (de 9 de Maio) – que não é, no entanto, o último nesta *macronmania* oficial – é obrigado a constatar: “*A junção de dois franceses em cada três, não passa de uma fachada*”.

Uma abstenção recorde

A 7 de Maio, 25,4% de abstenção: nunca, sob a Vª República, desde há 52 anos, a abstenção numa segunda volta da eleição presidencial atingira um tal nível (à parte o caso particular de 1969, em que os dois candidatos finalistas eram de direita)”.



Os eleitores foram, no entanto, submetidos a uma gigantesca campanha em que a abstenção era assimilada a um voto a favor da Frente Nacional. Na circunstância, esta propaganda aliava os grandes órgãos de Comunicação social públicos e privados, a totalidade dos dirigentes da direita, os do PS (todas as correntes incluídas), os do PCF, com a ajuda de estrelas do desporto e do show-business, responsáveis religiosos de diferentes confissões, sem esquecer o patronato e mesmo alguns sindicalistas (entre os quais a Direcção da CFDT).



Mas é preciso sublinhar que, contrariamente a 2002 (em que Jean Marie Le Pen conseguira também ir à 2ª volta), este unanimismo oficial foi em seguida largamente fracturado. As confederações CGT e FO mantiveram sobre um terreno sindical o seu apelo às manifestações do 1º de Maio “*contra os recuos sociais, terreno da extrema-direita*”. A França insubmissa e o seu candidato Jean-Luc Mélenchon – apesar do dilúvio de calúnias que se abateu sobre eles – recusaram dar orientação de voto (numa consulta interna, antes da 2ª volta, 65% dos rebeldes pronunciaram-se pelo voto branco ou pela abstenção).

Resultado: 12,1 milhões de eleitores, abstendo-se, recusaram cair na armadilha e ceder à chantagem. Esta chantagem teve mesmo o efeito inverso daquele que era esperado: os abstencionistas na 2ª volta foram – facto igualmente sem precedentes desde 1969 – mais numerosos do que na 1ª volta (mais 1,53 milhões).

Um número sem precedente de boletins brancos e nulos

Mais ainda: 11,5% de votantes (4,1 milhões de eleitores) na 2ª volta depuseram na urna um boletim branco ou nulo, e isto é um recorde absoluto. Estes votos brancos e nulos – mais claramente ainda do que as abstenções – contêm uma mensagem política evidente, tendo o eleitor o trabalho de se deslocar às urnas. “*O seu número aumentou em mais de 3 milhões entre as duas voltas. Um dado mais do que revelador da desconfiança que suscita o Sr. Macron apesar dos apelos de todos os lados para fazer barreira à candidata da extrema-direita*”, comenta o jornal *Le Monde*.

Desde há 35 anos, direita e esquerda – pela sua política de destruição social e de desertificação industrial, completada através de uma estratégia mediática calculada – forneceram o alimento para uma progressão inquietante da Frente Nacional. Desde há 35 anos, direita e esquerda apostam no mesmo movimento da repugnante ideologia anti-imigrantes (de extrema-direita) para forçar um voto a seu favor **(1)**. Mas esta eleição mostrou que, inclusive na juventude, este subterfúgio – acompanhado por uma odiosa chantagem – falhou de forma clara.

No total, após os resultados definitivos comunicados pelo Ministério do Interior, 16,1 milhões de eleitores (ou seja, 34% do corpo eleitoral), recusaram escolher entre o banqueiro e o seu adversário de extrema-direita, apesar de todos os recursos desta propaganda **(2)**. 16 milhões, espectacularmente, disseram NÃO. Após a 1ª volta – e, antes disso, aquando das Primárias – esta formidável rejeição atingiu mais uma vez as instituições agonizantes da Vª República, até na eleição daquele que é considerado ser a sua pedra-angular.

(1) *“Nada melhor, para fazer isto, que empurrar Marine Le Pen, tanto quanto possível, para que ela vá à 2ª volta, acompanhando o movimento de uma estigmatização (dos imigrantes) na Comunicação Social”,* nota o colunista Michel Onfray, neste dia 8 de Maio.

(2) Acrescentemos que, de acordo com as sondagens à saída das urnas, mais de 40% dos eleitores de Macron decidiram-se a votar, contra vontade, unicamente para fazer barreira a Marine Le Pen. 61% dos votantes desejam mesmo que o novo Presidente não obtenha maioria parlamentar para governar!